



CORPO. VIDA. EDUCAÇÃO: DEVIR-CRIANÇA... E O QUE PODEM AS INFÂNCIAS NOS ENSINAR?

Body. Life. Education: Becoming-Child... and what can childhoods teach us?

Tiago Amaral SALES

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal
Universidade Federal de Uberlândia
Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil
tiagoamaralsales@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3555-8026> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Rascunhos, notas, poéticas, escritas de si e apanhados elaborados de memórias. Escrever como quem cata cacos para, então, criar um bonito caleidoscópio. Não se trata de pensar a infância enquanto metáfora, mas da procura por inspirações para pensar em aprendizagens, ensinamentos, docências e formações possíveis, em devir-criança, que atravessam o corpo e potencializam a vida e a educação. Movido por perguntas que se inspiram nas infâncias e em diálogos com uma multiplicidade de autorias, sobretudo de base teórica pós-estruturalista, das filosofias da diferença e dos estudos queer, a partir de escritas ensaísticas, poéticas e fragmentárias, aprender com a criança que habita em nós e com as diferentes crianças que cocriam o mundo para, enfim, experimentar um caminho que busca, (in)diretamente responder: o que podem as infâncias nos ensinar?

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Educação. Formação. Docência. Ensaio.

ABSTRACT

Drafts, notes, poetic writings, self-writings, and elaborate collections of memories. Writing like someone gathering shards to then create a beautiful kaleidoscope. This is not about thinking of childhood as a metaphor, but about searching for inspiration to think about possible learning, teaching, and formation, in becoming-child, which traverse the body and potentiate life and education. Driven by questions inspired by childhoods and dialogues with a multiplicity of authors, especially those with a post-structuralist theoretical basis, philosophies of difference, and queer studies, through essayistic, poetic, and fragmentary writings, learning from the child that lives within us and from the different children who co-create the world, to finally experience a path that seeks, (in)directly, to answer: what can childhoods teach us?

KEYWORDS: Childhood. Education. Formation. Teaching. Essays.

ESCREVER COMO QUEM CATA CACOS... PARA COMPOR UM CALEIDOSCÓPIO!

Escrever. Puxar fios da memória e, a partir deles, tecer algo em linhas outras. Experimentar a vida na escrita. Fabular e transcriar com fios outros.

Escrever, inspirado no poema *Da calma e do silêncio*, de Conceição Evaristo (2017, p. 121):

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Morder as palavras. Mastigar, sentir o sabor. Ruminar... até sentir o âmago das coisas (Evaristo, 2017).

Contar. Movimentar as palavras como quem coleta pedacinhos de vida para compor algo novo... diferente... inusitado...

Compor... com as infâncias passadas e com as que seguem ecoando.

Experimentar a escrita como modo de vida (Sales, 2023), pois

Na escrita podemos (re)pensar e (re)criar os nossos saberes e as nossas práticas nas escolas, nas universidades, nos demais espaços educativos que percorrem as nossas existências. Com ela é possível experimentar múltiplas possibilidades de fazer um currículo, de fazer uma aula, de formar-se, de constituir-se, de fazer uma escola, de fazer a educação (Sales, 2023, p. 3).

Escrever para cultivar uma infância, para resgatar uma vida possível com as palavras. Essa é uma empreitada para, também, cultivar as poéticas na pesquisa em educação, vivenciando, na prática, uma “[...] poéticas da docência-pesquisa-vida” (Sales, 2022, p. 39) que foca na infância, no cultivo de uma atenção às memórias e às metamorfoses do corpo e da vida. Isso ocorre ao olhar para a formação, pois “[...] a experimentação poética tem um caráter fortemente político: metamorfoseia aquilo que não cabia nos lugares da cultura, abre fissuras no campo fechado tanto do senso comum quanto da própria educação, facultando-nos criar visadas inusitadas e jogar com os acontecimentos para transformá-los em oportunidades” (Diederichsen, 2019, p. 3).

Assim, neste trabalho, busco “Levar as poéticas a sério. Forjar outros caminhos, multiplicar as ações” (Sales, 2024, p. 29). O desejo é, sobretudo, “[...] agenciar em nós as forças de um devir-criança, um devir-jovem que se extrai de cada idade” (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021, p. 323). Cultivar uma infância que permanece viva e pulsa em nossos corpos, um devir-criança que, inclusive, fissa certos movimentos despotencializadores que se inscrevem em nossos corpos ao serem rotulados como adultos. Eis, em si, uma tentativa de revitalizar o corpo, de aguçar as percepções perante a vida e a formação.

Em devir-criança, aprender que, como nos ensinam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012, p. 73), “A criança não devém adulto, (...) a criança é o devir-jovem de cada idade”, e, assim, “Saber envelhecer não é permanecer jovem, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos que constituem a juventude desta idade”. Saber aprender com as infâncias – em nós e nos outros – é um caminho necessário para quem acredita em uma educação que aconteça com as diferenças e enquanto diferença, em sua potência e radicalidade.

A pesquisadora Virgínia Kastrup (2000, p. 376), em diálogos com Deleuze, Guattari e Henri Bergson, afirma que “[...] o conceito de devir-criança porta a idéia de uma criança que persiste no adulto enquanto virtualidade e enquanto condição de divergência e diferenciação da cognição, abrindo caminho para a exploração da dimensão inventiva da cognição”. Assim, percebemos que:

[...] o conceito de devir-criança orienta a investigação para o movimento de desterritorialização, fuga e desmanchamento das formas. Por isto o devir-criança é dito movimento de desterritorialização absoluta. Tomá-lo como ponto de partida significa deixar de pensar o processo de transformação temporal através das formas que dele resultam, ou seja, o processo através do produto, o movimento pelo parado, a invenção pelo invento (Kastrup, 2000, p. 381).

Cultivamos desterritorializações possíveis das perspectivas representacionais e das formas únicas e fechadas quando percebemos e afirmamos algo de infância, de devir, de criança que segue em nós. Há, então, uma explosividade e uma suavidade. Há uma existência que grita por emergir... que ri, que pula, que canta. Há, sobretudo, uma vida que emerge.

Devir-criança é também abandonar certa pretensa força e indestrutibilidade que faz parte da figura de Homem com H maiúsculo, já que “Uma educação em movimento que, ao experimentar e explorar a linha de fuga que é o devir-criança, escapa e se desterritorializa da forma Homem” (Jódar; Gómez, 2002, p. 36). Junto disso, devir-criança é resistir às instâncias, estruturas e instituições que insistem em limitar a nossa vida, pois “Devir-criança é participar de um movimento que desafia a pulsão geométrica do poder, é resistir à mesmice (...), o mortíço poder que não inventa e apenas destrói” (Jódar; Gómez, 2002, p. 42).

Nessa urgência que acontece como ziguezagues de uma criança desgovernada pela casa em uma noite de festa cheia de outras pessoas, bichos, sons, cheiros, sabores, luzes... transitando entre a alegria, a euforia, o medo e outras sensações que sequer consegue descrever e materializar em palavras, movimento escritas que busquem visitar as infâncias que habitam em mim e comigo em seus emaranhados com diferentes infâncias que se pulverizam mundo afora. Eis, enfim, a tarefa de ensaiar e de

[...] escrever sem mentir e sem mentir para nós, de pensar sem mentir e sem mentir para nós, de viver sem mentir e sem mentir para nós. Num presente cada vez mais difícil e nunca garantido. Numa primeira pessoa cada vez mais impossível, mas sempre perseguida. Numa distância crítica cada vez mais problemática e mais cética, mas cada vez mais livre. Ao mesmo tempo no singular e no plural. Escrevendo. Pensando. Vivendo. Sempre no devir. Ensaando. De outro modo (Larrosa, 2004, p. 42).

Dessa forma, com o corpo todo mobilizado, afetado, em movimento, teço este ensaio sem mentir para mim nem para você, mas também me permitindo reviver e transcriar com as memórias. É, enfim, uma tarefa de, em devir, experimentar a vida, a infância, o que fica do passado, o que se vive no presente e o que poderá acontecer em um tempo por vir... de outros modos.

Assim, com o apoio de diferentes autorias, sobretudo de base teórica pós-estruturalista, das filosofias da diferença e dos estudos *queer*, movimentei escritas em fragmentos. Busquei, como quem cata os cacos de memória e de vida para, com encanto, compor um caleidoscópio colorido que permita ver, me relacionar e cocriar o mundo, a infância e a educação com outros olhos.

CORPO. VIDA. DEVIR-CRIANÇA... EDUCAÇÃO

“O que pode um corpo”?, já questionou Spinoza (2009, p. 101), ao refletir que “[...] a mente e o corpo são uma só e a mesma coisa” (Spinoza, 2009, p. 100). Nos séculos que se seguiram, continuamos perguntando acerca do que podem os nossos corpos e nunca atingimos totalmente essa resposta... Talvez, pela impossibilidade de esgotá-la, seja justamente esse movimento que nos alimenta a seguir pensando... em corpo, em vida, em força, em criação. O nosso corpo, atravessado pelas perguntas, nos guia, nos movimenta, nos inquieta, nos desassossega. Também nos inspira a acreditar que essa carne que nos envolve, que essa matéria que nos une ao mundo e nos faz mundo também é força, também é vida, também é potência.

Corpo. Vida... em movimento. Devir: vir a ser... tantas vezes já sendo. Duplas capturas, duplas – triplas, quadruplas... múltiplas – relações entre o que se é, o que se foi, o que se será. Dissolução entre eu e outro. Com as perguntas, entrar em devir, ganhar diferentes velocidades, pois, para Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 27), “[...] a velocidade é ser tomado em um devir, que não é um desenvolvimento ou uma evolução”.

Quem sabe, uma inspiração para sintonizar a uma velocidade necessária para percorrer este caminho seja encontrada nas perguntas que as crianças nos fazem, as quais também nos inquietam na medida em que nos convocam a um certo deslocamento, pois

[...] em sua própria forma há deslocamentos de um “ser” criança. Potência de uma força inumana, tomada pela concretude do corpo que atesta e testa os cosmos do mundo, transbordando as fronteiras limitantes entre ciência, arte, linguagem, a ponto de jogar o corpo-pensamento para lugares inéditos do pensar e do sentir (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021, p. 324).

As perguntas-criança nos convidam a questionar, inquietar e ver o mundo com outros olhos e com certa rebeldia, já que a “[...] desobediência, quase nata, de uma criança” é “[...] um corpo, sem medo, que perambula por entre rápidas paradas, numa certa satisfação em experimentar as bordas do perigo, o não-saber que ultrapassa o aviso de cuidado negado do adulto, um desejo de sempre mais” (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021, p. 324).

Quando se é professor – sobretudo atuando na educação básica com crianças e adolescentes, mas também com jovens, adultos e idosos na escola e no ensino superior –, a desobediência e a indisciplina são algo que pode nos desestruturar totalmente, nos retirando de uma suposta autoridade inquestionável e de uma força indestrutível. Da

mesma maneira que, socialmente, espera-se que tenhamos uma postura rígida e infalível, queremos que estudantes tenham um comportamento na sala de aula, o qual pode ser até participativo, desde que nos momentos em que autorizamos. Isso também se repete em espaços de pesquisa, nos quais desejamos que tudo saia conforme o planejado.

Lidar com a desobediência, a indisciplina, a imprevisibilidade, as falhas e as inconstâncias é algo que muito nos assusta, então, enquanto pessoas que atuam na educação e na produção de conhecimento científico. Entre arquitetar um plano de aula ou projeto investigativo e executar aquilo na prática há muita diferença, pois a vida é múltipla e uma infinidade de fatores nos afasta do ideal. Aceitar isso é sair de uma posição impossível, adoecedora e prepotente de querer “dar conta de tudo” e poder, então, entrar em relação com um mundo em suas mutações, em sua impermanência e em sua potência criativa.

Quando pensamos no convívio coletivo, cultivar certas aprendizagens que também envolvem entender os limites de si e do outro é, sim, importante, visto que “[...] convém não perder de vista que a escola tem duas grandes tarefas, a saber: a alfabetização científica e a socialização das crianças e dos adolescentes” (Seffner, 2011, p. 571), mas tantas vezes nos lotamos de regras e burocracias que cerceiam a força inventiva da/na/com a vida.

Quando convocados pela infância e suas perguntas mobilizadoras, podemos nos encaminhar a uma certa indisciplina necessária para não aceitar tudo aos moldes que nos chegam. Podemos cismar, encasquetar, fazer birra, dizer não. Nem tudo no mundo é uniforme e totalmente pacífico, pois, certas vezes, é preciso bater os pés no chão e, ao “Desanestesiar nossa vulnerabilidade às forças”, poder “Não ceder à vontade de conservação das formas de existência” e “Não negociar o inegociável” (Rolnik, 2018, p. 195-196). Esses são caminhos que Suely Rolnik (2018) nos ensina para uma contínua descolonização do inconsciente, tarefa para o cultivo de uma vida não cafetinada.

Seguir com as perguntas-crianças (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021) é um caminho para habitar a diferença e a multiplicidade com as infâncias, pois “Parece-nos, então, que a criança, na sua forma indisciplinada, nos encaminha para um mundo rico e pulsante, desmantelando mundos já conhecidos, óbvios, dados, singularizados, naturalizados, disparando afetos alegres e ativos” (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021, p. 324).

Aprender com as infâncias é tanto olhar para as crianças com a atenção necessária para acompanhar os seus movimentos e singularidades quanto perceber o

que de infante segue vivo em nós, mesmo quando nos julgamos adultos. Eis uma tarefa de também aprender a devir com, como já nos ensina Donna Haraway (2023): somos juntos de outros seres... pois, sozinho, não há um caminho. Devir com é aprender com, é cocriar o mundo. Assim, podemos devir com as crianças nas escolas, ruas e praças, devir com as crianças em nós, devir com as crianças que fomos e que permanecemos.

Devir-criança... devir com as crianças... entrar em relação com a infância, com a transformação, com a metamorfose. Uma relação com o tempo, já que "[...] a vida de cada ser vivo não começa com seu próprio nascimento: ela é muito mais antiga" (Coccia, 2020, p. 13) e, assim, "A metamorfose é, a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultânea e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma para outra" (Coccia, 2020, p. 20).

O devir é um convite à mudança.

Devir-outro. Metamorfosear. Entender que o corpo que aqui está é também um apanhado de memórias e heranças do que foi, dos que vieram antes. É, em si, também embrião do que será.

Devir com a infância. Cultivar a atenção ao menor... ao que corre, grita, ri e chora. Ao que aprende observando. Ao que fomos. Ao que ainda somos, lá dentro e também aqui fora.

Devir...

ESCRITA. CORPO. DE-FORMAÇÕES

Corpo.

Carne.

Matéria.

Vida!

Espermatozoide.

Óvulo.

Um encontro inusitado e, tantas vezes, impossível.

Depois, no acaso, a fecundação.

Zigoto.
Células se multiplicando.
Totipotência nos afetando...
Tecidos se diferenciando.
Eis que as formas algumas pistas vão nos dando...

“É menino!”
“É menina!”
E será que é mesmo?
Será mesmo que será?

O que define quem somos?
Um aglomerado de células?
A formação de um órgão?
A prescrição dos nossos “pais”?
E quando nem “pais” temos, quem definirá?
Nossos tios, padrinhos, avós?
Nossos tutores, cuidadores?
Um lugar que possamos chamar de lar?

Na ausência, o que nos define?
Mas, existiria uma ausência total de vida presente na construção de um ser... humano?
De um modo de ser... humano...
De um modo de nos socializar...
Será?

E, na presença, quais marcas dirão que caminhos seguiremos?
Estariamos sempre presos ao que nos aconteceu, às experiências que nos passaram, que nos afetaram, que nos ensinaram (Larrosa, 2011)?
E seria possível existir sozinho?

As tantas presenças – humanas e não humanas – nos fazem companhia...

O céu, o vento, a chuva, a comida, a fome... o xixi e o coco... o choro, o grito e o riso... os sonhos, os medos, as ausências, as presenças... na arte – tantas vezes difícil – de entrar em relação com um mundo todo vivo (Dias, 2020)...

Também os nossos desejos e os desejos do outro... ah, como esses “desejos-do-outro” nos atravessam! E nos formam... e ensinam... e guiam, certas vezes também cerceiam quem podemos ser...

E esses desejos seguem conosco, mesmo que inconscientes. Nos fazem companhia, repito, mesmo quando nos sentimos sozinhos.

Elaborar o que recebemos e o que será feito disso demanda um trabalho contínuo que não é nada simples. É preciso tempo e coragem para tal.

Certa vez, uma amiga psicanalista, em uma conversa de boteco, comentou que quando uma pessoa – ou casal – pensa em “ter um filho”, aquele filho já nasceu.

Essas expectativas, cobranças, vontades... nos interpelam...

Judith Butler (2017) nos lembra que somos formados pelo olhar do outro, pelos questionamentos do outro, pelas interpelações do outro... por como o outro nos convoca... e também nos corta, nos machuca, nos violenta ao exigir que sejamos de certo modo pronto, formatado, único, padrão. E isso tudo acontece tantas vezes quando sequer nascemos ainda...

Ou melhor, nascemos enquanto vontade, sonho, genes, células... enquanto nos formamos no casulo envolto em líquidos e camadas placentárias. Depois, entendemos que o casulo que nos forma não é apenas o útero, mas o mundo como um todo, pois

O casulo não é um instrumento de projeção de si fora dos limites do corpo anatômico. Ele corresponde, ao contrário, à construção de um limiar onde todas as fronteiras e identidades – tanto as do eu como as do mundo – são suspensas de maneira temporária. Ele é o quiasmo que faz do mundo o laboratório de gênese do eu, e do eu a matéria mais preciosa do mundo, aquela que não para de transformá-lo (Coccia, 2020, p. 64).

Aprender a nascer é aprender a fazer casulos no mundo todo. A ver e criar caminhos possíveis para nos formarmos, nos metamorfosearmos, nos movimentarmos, nos diferenciarmos. Isso tudo é tão importante, sobretudo em um tempo em que “[...] tudo é feito para tornar o movimento impossível” (Coccia, 2020, p. 60).

Precisamos ter a coragem necessária para nascer e fazer nascer a vida, já que “O nascimento sempre abre um espaço técnico, um lugar onde trabalho e imaginação, força e consciência, esforço mental e esforço físico devem se conectar e podem fazê-lo de maneira diferente”, sendo um modo de “[...] fazer o mundo participar desse impulso metamórfico que chamamos de vida” (Coccia, 2020, p. 41). No mundo todo vivo, intensamente habitado por diferentes seres e saberes, gestar e nascer não são processos únicos; são também caminhos que podem ser diferentes... e nos ensinar que a vida é múltipla e é para ser vivida intensamente.

Que sigamos, então, com a coragem para nascer... para crescer... para morrer também e, então, poder renascer... e, assim, “Criar um devir-fênix: renascer das cinzas” (Sales; Estevinho, 2021, p. 293).

Que sigamos com a coragem para cultivarmos, cuidarmos, amarmos as infâncias, as nossas infâncias, as infâncias outras, múltiplas, desviantes, distintas...

Que sigamos cocriando um mundo para as infâncias... que façamos um mundo com as infâncias... um mundo todo vivo em que possamos nascer, morrer e renascer quantas vezes forem possíveis!

UMA ESTÓRIA INFANTE... E ALGUMAS PERGUNTAS QUE SEGUEM COMIGO

O que pode um jovem adulto quando para e revisita o seu passado? Quais afetos me movem a olhar para a criança que fui e pensar no que daquilo segue vivo em mim? Para tal, me debruço em episódios que me afetaram nos últimos meses. Flerto com certa escrita de si, em tom confessional, para acessar algumas marcas que dizem do professor e pesquisador que sou.

Durante muitos anos tive grande resistência ao escrutínio feito pelos dispositivos médicos de controle e de produção de subjetividade, já que, como nos ensinou Michel Foucault (2019, p. 144), “O controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica”. Biopolíticas, políticas em torno da vida... se ramificando dos consultórios às escolas em suas ondas de medicalização da vida e de patologização das diferenças.

Sendo pessoa que transita por campos ambivalentes e tantas vezes atritosos, como as ciências da natureza e as humanidades, e também um bom admirador de Foucault, aprendi a desconfiar de verdades, ingenuidades e imparcialidades bio-médicas. Aprendi com o “careca” – carinhoso nome que, usualmente, brincamos ao nos referir ao célebre filósofo que, mesmo nos deixando em meados dos anos 1980, ainda tanto nos ensina – que “O poder produz saber. [...] [O] poder e saber estão diretamente implicados; [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”

(Foucault, 1999, p. 31). Em um consultório médico ou sala escolar, não é tão diferente assim.

Mas, depois de um tempo e de algumas percepções de que eu, talvez, pudesse ser um pouco “diferente das outras pessoas” – como já escutei de amigos, familiares, amores... e que sempre questionei: “e não somos todos diferentes?” – no que diz respeito à concentração, interesses, focos e hábitos de sono, reconheci em mim uma dimensão de sofrimento – pela diferença ou pelo apontamento de possível problemática na diferença? – que, quem sabe, possa ser aliviada, levou-me a procurar um olhar mais experiente nas lapidadas artes do escrutínio médico. Vai que ajude um pouco, não é? Pensei assim e fui atrás de ajuda profissional. Certas vezes nos aliarmos às ciências “duras” pode também potencializar a nossa vida, desde que não as aceitemos como verdades únicas. Assim, decidi me “submeter” – sem deixar de lado um olhar questionador e problematizador – a uma avaliação neuropsicológica e ingressar num longo processo investigativo.

Tentei pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas era praticamente impossível. Nas clínicas particulares, era oferecido a custos significativos... mas, depois de certa resistência, postergando isso, descubro que meu plano de saúde poderia cobrir. E lá vou atrás de consulta, encaminhamento médico e o início deste longo, burocrático e, em tantos momentos, desconfortável processo.

Suspeitas iniciais: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – o tal do TDAH que tantas gentes vêm descobrindo que “tem” e outras muitas vêm problematizando uma nomenclatura e um rótulo que beira o genérico para englobar o tudo-e-todos desse modo de subjetividade contemporânea; e altas habilidades – o que pode até parecer requintado, mas que também traz uma série de complexidades para a vida, permeada de desafios, incongruências e vulnerabilidades (Virgolin, 2021).

Antes de qualquer coisa, me identifiquei com as percepções do estudo de Daniela Quadros e George Manske (2024) que, ao pesquisarem discursos de crianças diagnosticadas com TDAH e seus familiares/responsáveis, afirmam que “[...] os fenômenos de medicalização da infância se tornam articulados por estratégias biopolíticas que reduzem apenas a causas biológicas um conjunto de problemas sociais e educativos” (Quadros; Manske, 2024, p. 1).

Se “para mim a minha cabeça era normal ser tão cheia de pensamentos o tempo todo”, conforme trecho das publicações analisadas, o que mudou para esse indivíduo após receber o diagnóstico de TDAH? Quais outras características normais ele ou ela encontrará quando for buscar o DSM, conforme indica um dos comentários? Esses discursos transformam as subjetividades dos indivíduos, oferecendo novos modos para descrever o que lhes causa incômodo e o que não

se encaixa; são enunciados proliferados pela aplicação do conhecimento biomédico – central para que os discursos tenham teor de verdade (Quadros; Manske, 2024, p. 11).

O que é ser normal? Tal pergunta faço hoje, aos recém-completos trinta anos, depois de me graduar em ciências biológicas e pedagogia e de me pós-graduar em educação. Também poderia ser uma pergunta feita por crianças e adolescentes aos adultos na escola ou em casa... já que, afinal, o que é ser normal? Ou melhor, o que está em jogo quando construímos um ideal de normalidade?

No estudo desenvolvido pelos autores (Quadros; Manske, 2024, p. 11), uma frase me chamou a atenção: “[...] para mim a minha cabeça era normal ser tão cheia de pensamentos o tempo todo”. A minha sempre foi assim, cheia de ideias, pensamentos, medos, ânsias... planos para o futuro e vontades urgentes para o presente. Em meio a isso, produzimos um modo de rotular o que foge do esperado em certos parâmetros sociais, culturais, cognitivos e subjetivos como adoecido. E assim vamos ficando, cada vez mais, reféns de um cultivo engessado da vida, do desejo, do pensamento e dos nossos espaços educativos.

Enfim, segui nos testes. Diagnóstico final: ainda não está fechado nem concluído. Sem mais *spoilers*. Sigo em processo nas consultas finais, e essas cenas ficarão para os próximos capítulos ou, quiçá, temporadas¹. Mas trouxe essa pequena confissão – que, como bom foucaultiano, até arrepio em alguns momentos ao fazê-la, risos – pois em tal momento de escrutínio pelos dispositivos medicalizantes precisei revisitar certos arquivos de minha memória e lembrar da criança que fui para entender o adulto que sou.

Escrevendo assim é muito mais bonito – e potente – que os tantos testes limitados e estressantes que venho fazendo. Mas, nessa rememoração, dialoguei com minha mãe sobre algumas questões bem técnicas, como saber se chorei ao nascer; qual foi a data do primeiro riso e das primeiras palavras, dos primeiros passos... primeiros anos resumidos em perguntas diretivas. Mas, esse questionário que seguia na tentativa de escrutinar uma infância para poder rotulá-la ou não como “atípica” levou a um diálogo indireto nosso, pensando na criança que fui e na mãe que ela foi. Uma

¹ Poucos meses antes da revisão da versão final deste artigo, recebi tal parecer elaborado a partir de uma série de testes e de um longo processo. Não cabe aqui me demorar com os resultados, mas gostaria de compartilhar uma percepção que tive nesse processo. Como já bem sabemos, quando atuamos na educação em seus diferentes espaços, uma avaliação é limitada e nos traz um panorama, uma imagem de uma paisagem sociocultural-histórica-cognitiva-subjetiva. Entendo que o que aprendi com tal avaliação neuropsicológica pode me dar “régua e compasso” para (re)pensar algumas nuances de minha vida, mas jamais define quem sou, quem fui e o que ainda posso ser – e menos ainda deveria me dizer o que posso e o que não posso ser/fazer ou como devo viver.

infância possível, uma maternidade possível naquele momento em meados dos anos 1990 no Triângulo Mineiro.

Hoje sei que fui uma criança diferente, digamos. Ou melhor, sempre soube e, em alguns níveis, também gosto disso de habitar e manifestar carnalmente a diferença, a singularidade, a multiplicidade. Mas, para muita gente... era uma criança estranha. Não me enquadrava na masculinidade esperada para aquele corpo com genótipo XY. Fui uma “criança viada”, talvez. Sensível, poderiam dizer. Chorava às vezes escondido. Falante demais e com voz fina... até ser cerceado e aprender a ficar calado em muitos espaços – de lá para cá foi um intenso trabalho para reaprender a me expressar.

Fui uma criança que se cobrava excessivamente... e encontrou nos estudos, junto das professoras e dos professores que passaram em meus caminhos, um refúgio. Fui uma criança que sentava na frente da sala e participava ativamente das atividades escolares de ensino, mas não dos jogos e práticas físicas, as quais sentia que me expunham demais em um ambiente em que ser visto era também sinal de perigo; que adorava as aulas de ciência; que amava com um fascínio pelas plantas e bichos digno de ser chamado de paixão, mas facilmente rotulado de “hiperfoco” pelo vocabulário biomédico que vem contaminando nossos cotidianos. A psiquiatria com certeza já pegaria essa descrição para tentar ter novos elementos para enquadrar-me em um rótulo e prescrever algum tratamento – provavelmente medicamentoso –, mas será que a vida cabe (apenas) nisso?

Pensando nas coisas que me convocaram ao longo de minha vida, consigo identificar muitos momentos de “hiperfoco”. Na infância tive, sobretudo com diferentes plantas e bichos; em alguns momentos com grupos específicos como tartarugas, certas aves, seres de regiões específicas... fora quando quis conhecer todas as capitais brasileiras, todos os países do mundo, as estruturas dos aeroportos – ao menos pelas redes tecnológicas-digitais. Até hoje, quando posso conhecer um desses seres-e-lugares que me cativaram o olhar na infância é um reencontrar com essa criança que vive em mim. Seria isso uma doença? Seria a curiosidade e a ânsia pelo que me brilha aos olhos um transtorno? Seria a desatenção com o que me parece desimportante e enfadonho um problema? Seria a vontade de saber mais, de me relacionar de maneira intensa com algo, com alguém, com as coisas e com o mundo uma patologia?

Na vida adulta, quando penso no meu trabalho de pesquisa e, inclusive, no processo de construção deste texto, poderia facilmente nomear como “hiperfoco” essa imersão de dias e noites para aprofundar-me em um tema. Mas, será que não poderia chamar isso tudo de “paixão”? Ou admiração? Quem sabe... desejo? Ou, em alguns

momentos, obsessão? Propósito, amor, fuga, obrigação... quantas outras palavras poderíamos usar para nomear esses movimentos de intensa atenção e relação com algo? E por que precisamos tanto rotular e enquadrar como problemático algo que nos atravessa e nos move, que nos brilha aos olhos, que pulsa em nossos peitos, que nos instiga e faz querer mais? Desejamos pessoas que foquem menos nas coisas, que gostem menos, que se envolvam menos?

Não quero minimizar a importância do conhecimento científico e a sua potência para gerar qualidade de vida para todos e todas nós... mas o que reflito aqui é mais complexo. Diz respeito a uma subjetividade em sua multiplicidade. A um modo de vida... estranho. A um corpo que precisou aprender a se configurar de certas maneiras, a caber em certo espaço. Que nas chacotas escolares se isolou, que no isolamento encontrou refúgio na comida... e engordou. E depois parou de comer repentinamente pelas cobranças estéticas, e adoeceu. E cresceu... e, felizmente, viveu. E hoje pode contar tudo isso, acolhendo o passado e pensando na criança desse tempo que segue viva em mim. Posso revisitar essas trajetórias e escolher fazer outra coisa com isso que não seja cultivar o ressentimento, mas instaurar um encontro alegre, sensível e potente comigo, com essa criança que segue comigo.

Conto tudo isso porque precisei, em diferentes momentos, de cuidado. E hoje cuido dessa criança do passado que habita em mim. Mas e naquele momento de vulnerabilidade maior, quem cuidava daquela criança estranha? Me recordo do texto de Paul Preciado (2020, p. 69-73) que questiona: “Quem defende a criança *queer*?” Pois bem, quem protege as crianças que fogem da norma? Quem garante que tenham o direito de viverem as suas infâncias, de experimentarem o mundo com calma, com atenção, com cuidado... de conhecerem os seus corpos com dignidade, com respeito, longe de olhares maldosos e de julgamentos? E, assim, outras perguntas ecoam:

Quem defende os direitos da criança diferente? Quem defende os direitos do menino que gosta de vestir rosa? E da menina que sonha em se casar com a melhor amiga? Quem defende os direitos da criança homossexual, da criança transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança de mudar de gênero caso deseje? Quem defende o direito da criança de crescer num mundo sem violência de gênero e sexual? (Preciado, 2020, p. 70).

Preciado (2020, p. 69-70) nos lembra que “Os defensores da infância e da família invocam a figura política de uma criança que eles constroem de antemão como heterossexual e de gênero normatizado. Uma criança privada de toda energia de resistência e da potência de usar livre e coletivamente o seu corpo”. Para o autor, “Essa

infância que eles pretendem proteger está cheia de terror, de opressão e de morte” (Preciado, 2020, p. 70).

Cultivar laços coletivos de atenção, cuidado e solidariedade perante as vidas em suas diferenças – com foco especial nas infâncias – é uma tarefa nossa enquanto pessoas, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, enquanto educadores e educadoras. Assim, “É preciso defender o direito das crianças, de todas as crianças, de serem consideradas como subjetividades políticas irreduzíveis a uma identidade de gênero, de sexo ou de raça” (Preciado, 2020, p. 73).

Múltiplos corpos em distintas configurações habitam as escolas, as ruas, as casas, o mundo. São corpos que têm o seu direito à vida e à diferença... um “[...] direito à vida que passa a fluir contemplando não só o ser humano, mas sim, todas as variações e formas de vida que partilham da existência conosco” (Sales; Rigue, 2023, p. 173).

Como disse, em tempos hostis que marcaram uma infância e o início de adolescência, foi, em tantos momentos, com as professoras e professores que, principalmente, encontrei refúgio. Com o tempo, construí amizades e, sobretudo, encontrei a força em mim para ser quem eu sou e me reinventar cotidianamente. Também sou grato aos olhares atentos àquela vida que lá estava, vendo tantas potencialidades em mim que eu sequer conseguia imaginar...

E felizmente perseverarei. E felizmente aqui estou.

(RE)VISITAR A INFÂNCIA... COM A EDUCAÇÃO

Tantos momentos nos convocam a nos (re)encontrar com as infâncias, sejam as nossas ou as dos outros. Ao trabalhar na formação docente, sobretudo nos estágios supervisionados escolares, atuo diretamente em uma tarefa de ir-e-vir que atravessa a universidade para chegar à escola. Mas, esse retorno às salas de aula da educação básica não acontece mais (apenas) enquanto estudante, e sim como estagiário, um estado que se localiza entre estudante-e-professor... em um certo devir-professor e devir-estudante.

Retornar à escola é também entrar em contato com uma série de memórias que permeiam os longos processos que marcaram a nossa escolarização. Pelas minhas experiências na formação de professores e professoras de ciências e biologia ao longo

dos últimos anos, venho escutando relatos desse trabalho de também elaborar os medos e traumas vividos na educação básica, na infância e na adolescência.

Para tantas pessoas, a escola não é um ambiente seguro. Para mim, em alguns momentos, também não foi. Seja nas infâncias e adolescências, quando estudamos – junto de jovens, adultos e idosos que retornam à educação básica nos cursos de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) –, seja mais velhos quando retornamos para lá para trabalhar, os territórios escolares são marcados por atritos e disputas, tendo também certa carga de violências e preconceitos que se fazem presentes.

Com isso, nas visitas escolares, também sou tomado por memórias e preciso fazer as pazes com algumas delas. Lembro-me de colegas docentes universitários formadores de professores e professoras escolares que já comentaram isso: retornar à escola é ficar diante de muito do que já nos feriu. Inclusive, recordo meus tempos como estagiário nas licenciaturas que cursei e como professor nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Algumas palavras seguem conosco ecoando. São experiências que nos colocam diante da infância e da adolescência, do passado, do presente, da diferença, do caos e também das possibilidades.

Então, por vezes, o trauma é tamanho que parece que o único caminho possível é desistir. E, em certos momentos, é isso que acontece: evasão nos cursos de licenciaturas logo que estudantes se encontram com a realidade escolar. Mas, será que não poderíamos elaborar tudo isso de maneiras outras? Pensar que, se decidimos, escolhemos e queremos – conscientemente ou não – voltar à escola, é porque algo lá nos convoca, algo nos chama, algo clama por uma presença nossa que faça a diferença, que viva a diferença, que seja a diferença necessária. Fazer as pazes com o passado, curar as feridas e cuidar das infâncias que habitam em nós e nos outros é uma tarefa necessária e urgente no formar-se professora e no formar-se professor.

A licenciatura e suas imersões escolares e educativas – como nos estágios supervisionados, nos componentes curriculares pedagógicos e nos programas de iniciação à docência, como o PIBID – são momentos para revisitar e ressignificar tudo isso... e, enfim, formar-se docente nos emaranhados da vida (Sales; Silva, 2025). Assim,

As dimensões da formação e da educação permeiam as nossas vidas de múltiplas formas, atravessando-nos desde antes de nossos nascimentos, ao sermos situados enquanto seres culturais, históricos e sociais. Tal questão também se conecta às tantas vivências que percorrem os nossos corpos e os caminhos em que percorremos. Formar-se, então, é viver, é se encontrar com outros seres – humanos e não humanos – e ser marcado incessantemente pelos trajetos permeados (Sales; Silva, 2025, p. 2).

Nascer. Crescer. Nos formar. Parece algo linear, mas não é. E, nesses caminhos, (re)lembrar é viver também algo, é compor com uma formação. Quiçá, com uma educação em tom menor, pois “[...] apenas uma educação que admite variações em tom menor pode proporcionar uma liberdade que é real em vez de ilusória e que nos leve para fora de estruturas de autoridade que são manifestamente insustentáveis” (Ingold, 2020, p. 59).

A pesquisadora das educações nas infâncias em suas relações com os ambientes e as ciências, Alice Copetti Dalmaso, organizou o belíssimo dossiê *Devir criança – o ingovernável da vida*, publicado no ano de 2020 na Revista ClimaCom. Em momentos de ápice da pandemia de covid-19, imersos em medos reais e na iminência da morte pelo contágio viral, Dalmaso e um coletivo de pessoas, nos tantos trabalhos lá publicados, nos convocam a sentir-pensar a vida em sua potência infante. Assim, a autora e organizadora nos anima ao lembrar que “A boa notícia é que há sempre uma criança molecular em nós, que pode se comunicar com o elementar e o cósmico, com o material e o imaterial, humano e não humano, capaz de ativar a superfície de um corpo perene aos movimentos das coisas-e-seres-do-mundo” (Dalmaso, 2020, p. 5).

Que possamos, então, dar espaço para essa criança molecular que habita em nossos corpos, em nossas memórias, em nossas presenças, em nossas vidas, e dela cuidar. E, dessa forma,

Não cansaremos de polinizar o convite incessante de um retorno, sempre que possível, às aberturas que uma criança nos deixa, para explorar o contínuo nascimento das coisas, improvisando linhas, movimentos, gestos, sons, novas relações de atenção em contato com o mundo. Um convite a curtir a presença, a ativar rastros de escuta, demorar-se na ideia de correr riscos e de aprender, sabe-se lá com o quê (Dalmaso, 2020, p. 6).

Que sigamos polinizando a atenção e o cuidado com as infâncias, a atenção e o cuidado com a vida, a atenção e o cuidado com as diferenças. Que sigamos nos preenchendo de bons encontros que acontecem com a criança que existe e que vive em nós, com as crianças que fazem o mundo não apenas como promessa de futuro, mas como presente intensamente vivo.

ALGUMAS NOTAS FINAIS... PARA SEGUIR EM DEVIR

Pequenas perguntas sem grandes respostas. Talvez, perguntas-crianças (Dalmaso; Oliveira; Rigue, 2021) que movimentem novas perguntas... e impulsionem uma escrita-pesquisa-vida que parece concluir que a tarefa é seguir em movimento, em nascimentos múltiplos, na força da infância que habita em nós.

Teci esse texto em ziguezague – inspirado no conceito proposto por Deleuze (Deleuze; Parnet, 1995) –, ora “hiperfocado” em certos temas, ora desfocado e me permitindo “zanzar” por aí. Como uma abelha que sai à procura de pólen para se nutrir e acaba fecundando algumas flores, espalhando a variação genética que garante a vida futura, permiti-me escrever. Como uma criança que olha uma abelha zanzando por aí, aprende que um caminho pode ser trilhado de múltiplas maneiras possíveis e, assim, também percebe que não há um modo único de ser.

Em devir-criança, nesse caleidoscópio montado com cacos encontrados em diferentes vivências e experiências, busquei, nesses escritos que transitam entre autobiografia, fabulação, ensaio e manifesto, afirmar a diferença como modo de vida. Espero que estes afetos, transbordados em palavras, inspirem quem com eles se encontre a cuidar e a fazer proliferar, em devir-criança, as infâncias que habitam em nós, pois muito podemos com elas aprender no cultivo de um mundo possível.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini, tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª ed. Rio de Janeiro. Dantes Editora, 2020.

DALMASO, Alice Copetti. Apresentação editorial: Devir criança – o ingovernável da vida. **ClimaCom – Cultura Científica**: pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, ano 7, n. 18, 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/apresentacao-editorial-devir-crianca/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

DALMASO, Alice Copetti; DE OLIVEIRA, Marilda Oliveira; RIGUE, Fernanda Monteiro. O que pode a pergunta-criança na formação de professoras/es? Algumas experimentações teórico-práticas. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 23, n. 2, p. 321–339, 2021. DOI: [10.22483/2177-](https://doi.org/10.22483/2177-)

5796.2021v23n2p321-339. Disponível em:
<https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3766>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. Filmado em 1988-1989. Publicado em: 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

DIAS, Susana Oliveira. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom**, Campinas, v. 7, n. 17, Jun. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisar com a Arte: ética e estética da existência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 1-24, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623686743>

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições. 2023.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lucía. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914>. Acesso em: 7 jul. 2026.

KASTRUP, Virgínia. O devir-criança e a cognição contemporânea. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 373-382, 2000. DOI: 10.1590/S0102-79722000000300006.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan/jun. 2004.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUADROS, Daniela Cristina Rático de; MANSKE, George Saliba. A produção de biocidadanias digitais da infância em comunidades biossociais do Facebook. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 4, e230603pt, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/GyNfHbcTrQKJcMfgRGMJbSG/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2026.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALES, Tiago Amaral. A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 16, n. 3, p. 1-11, 2023. DOI: 10.15687/rec.v16i3.68236. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/68236>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SALES, Tiago Amaral. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. e31/1-31, 2024. DOI: 10.5902/1983734888089. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/88089>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021. DOI: 10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 26 mar. 2026.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. Diversidad, derechos humanos y derecho a la vida en la enseñanza de ciencias naturales. **Bio-grafia**, Bogotá, v. 16, n. 30, p. 167-175, 2023. DOI: 10.17227/bio-grafia.vol.16.num30-17825. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/17825>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SALES, Tiago Amaral. Quando o cartógrafo vai a campo: travessias e poéticas de um jovem professor. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, p. 24-41, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.70186>

SALES, Tiago Amaral; SILVA, Renata Priscila da. "Que horas a gente sai professor/a?": tornar-se docente nos emaranhados da vida. **Debates em Educação**, Maceió, v. 17, n. 39, p. e18713, 2025. DOI: 10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18713. Disponível

em: <https://periodicos.ufal.br/debateseducacao/article/view/18713>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561–572, ago. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200017> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/smr98Jk4VyMbxxd5GBPsy5G/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2026.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VIRGOLIM, Angela. As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e81543, 2021.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CORPO. VIDA. EDUCAÇÃO: DEVIR-CRIANÇA... E O QUE PODEM AS INFÂNCIAS NOS ENSINAR?

Body. Life. Education: Becoming-Child... and what can childhoods teach us?

Tiago Amaral Sales

Doutor em Educação (UFU)

Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp)

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas (UFU)

Licenciado em Pedagogia (UNESA)

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP)

Ituiutaba, Brasil

tiagoamaralsales@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Campus Pontal – Bloco C – Sala 1º piso. Rua Vinte, 1600, Bairro Tupã, Ituiutaba, MG – CEP 38304-402.

AGRADECIMENTOS

A versão inicial deste texto surgiu para ser apresentada e compartilhada na mesa “Infâncias e Diferenças que educam”, promovida pelo Grupo de Pesquisas Vidar em In-tensões (CNPq/UEA) no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, realizada na Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no dia dois de abril de 2026, na cidade de Manaus, Amazonas, Brasil. Assim sendo, agradeço ao grupo pela acolhida, pelos bons encontros e, sobretudo, às professoras Caroline Barroncas Oliveira e Mônica de Oliveira Costa pelo convite para participar desse evento, cuja proposição tão alegre, potente e inquietante inspirou a feitura deste trabalho.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: T. A. Sales

Coleta de dados: T. A. Sales

Análise de dados: T. A. Sales

Discussão dos resultados: T. A. Sales

Revisão e aprovação: T. A. Sales

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No que se refere ao uso de tecnologias de inteligência artificial na construção e finalização deste texto, declaro que sua utilização ocorreu exclusivamente na etapa de revisão final. Assim, este trabalho foi revisado com auxílio de tecnologias de inteligência artificial de acesso aberto e gratuito (ChatGPT), utilizadas exclusivamente para revisão de língua portuguesa, de tradução do título, resumo e palavras-chave e adequação às normas da ABNT. A autoria, as ideias, os argumentos e o conteúdo do trabalho são de responsabilidade do autor.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 26-03-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026